

O psicopedagogo na Educação Especial

Claudovil Barroso de Almeida Júnior¹

¹ Pedagogo pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Internacional de Curitiba – FACINTER. Professor da Educação Especial do Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues – CERNDR

RESUMO: Este artigo expõe o trabalho psicopedagógico desenvolvido na educação especial. Tendo como objetivos a análise e a reflexão sobre a ação psicopedagógica no ambiente educacional inclusivo. Sua metodologia concentra-se na revisão bibliográfica sob uma perspectiva crítica da inclusão escolar. E, para finalizar o estudo, conclui-se sobre a necessidade de um olhar diferenciado da psicopedagogia no processo de ensino-aprendizagem da criança com necessidades educacionais especiais. Assim, o trabalho psicopedagógico deve ultrapassar a ideia genérica da inclusão, expandindo sua proposta e possibilitando seu apoio essencial e contínuo a essa criança na vida educacional e social.

Palavras-chave: Trabalho Psicopedagógico, Educação Especial, Ambiente Educacional Inclusivo, Psicopedagogia, Criança com Necessidades Educacionais Especiais.

ABSTRACT. The psychopedagogue in special education. This paper describes the work developed in psychology special education. Having as objective analysis and reflection on action psicopedagogic in inclusive educational environment. Its methodology focuses on the literature review on a critical school inclusion. And, to complete the study, we conclude on the need for a different look of educational psychology in the teaching and learning of children with special educational needs. Thus, work psychology exceed the general idea of inclusion, expanding its proposal and allowing your essential support and keep the child in the educational and social life.

Keywords: Job Psicopedagogic, Special Education, Environment Inclusive Education, Educational Psychology, Child with Special Educational Needs.

1 Introdução

A produção deste artigo desenvolveu-se a partir de uma pesquisa bibliográfica. Tendo como justificativa a importância da compreensão do trabalho psicopedagógico desenvolvido no ambiente educacional inclusivo. Bem como objetivando analisar o trabalho do psicopedagogo e interpretar os dados

referentes à atuação do psicopedagogo na educação especial através de paradigmas inclusivos.

A priori, será realizada uma abordagem objetiva e sucinta sobre a psicopedagogia, iniciando seus estudos na Europa, consolidando-se na América Latina, mais precisamente na Argentina e, estendendo-se ao Brasil. Como também o trabalho psicopedagógico desenvol-

vido na educação especial, através do processo de ensino-aprendizagem de crianças com necessidades educacionais especiais¹.

Por conseguinte, ressaltará a importância do trabalho psicopedagógico ao recorrer a múltiplos pressupostos teóricos, no tocante ao fundamentar-se em assistir sistematicamente o desenvolvimento das crianças com necessidades educacionais especiais. Para complementar essa discussão/análise, será apresentada o foco central da presente, o trabalho do psicopedagogo no ambiente educacional inclusivo. Assim, compreende-se que a ação psicopedagógica no ambiente educacional inclusivo é de extrema relevância, ao oferecer um apoio efetivo à criança com necessidades educacionais especiais no contexto educacional e social.

2 Psicopedagogia e educação especial

Os estudos, bem como sucessivas preocupações sobre os problemas de aprendizagem começaram a ser difundidos na Europa no século XIX. O desenvolvimento da psicopedagogia ocorreu na França. Na literatura francesa, destaca-se a psicopedagoga francesa Janine Mery. Segundo Bossa (2007), Mery ressalta que ainda no século XIX estudos e interesses sobre a compreensão e o atendimento de portadores de deficiências² sensoriais, debilidade mental e outros problemas que comprometem a aprendizagem, ganharam

notoriedade nas discussões científicas.

A presente autora complementa que, além disso, no final do mesmo século, Educadores europeus, como Jean Marc Gaspard Itarde, Johann Heinrich Pestalozzi e Edouard Seguin, tomando por base os pensamentos do Psicanalista Jacques-Marie Émile Lacan, começaram a dedicar seus estudos às crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem em razão de vários distúrbios.

Assim, em 1898 o professor de Psicologia Edouard Claparèd e o Neurologista François Neville, foram os precursores ao introduzirem em escolas públicas as "classes especiais" destinadas à educação de crianças com retardo mental. Na mesma época, a Psiquiatria italiana Maria Montessori, cria um método de aprendizagem destinado a essas crianças.

Influenciado pela tendência montessoriana, o Psiquiatra belga Ovide Decroly, começa a interessar-se sobre as situações de aprendizagem de crianças - educação infantil, visando consequentemente à "apreensão globalizadora: a criança e a família, a criança e a escola, a criança e o mundo animal e assim por diante" (ARANHA, 1996, p. 173).

Em meio a esse contexto, surgem escolas destinadas a crianças com a aprendizagem lenta. Na França por volta de 1930, são criados os primeiros centros de orientação educacional infantil formado por educadores, médicos, psicólogos e assistentes sociais. Já em 1946, J. Boutonier e George Mauco fundam os primeiros Centros Psicopedagógicos. Com objetivo de um estudo interdisciplinar através dos conhecimentos da psicologia, da psicanálise e da educação, para tratar de crianças

¹ Alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e/ou superdotação.

² A menção a portadores de deficiências diz respeito em atribuir ao contexto daquela época. Atualmente, o termo usado é pessoas com necessidades especiais.

com problemas de aprendizagem.

A partir de 1948, Debesse passa a utilizar o termo "Pedagogia Curativa", a qual tinha como objetivo atender tais crianças. De acordo com Maluf (2007), na literatura psicopedagógica outros profissionais, como Maud Mannoni, Françoise Douto, Pierre Vayer, Pichon-Rivière como tantos, foram importantes e grandes expoentes na contribuição através de estudos sobre os problemas de aprendizagem, originando a Psicopedagogia Clínica.

Com o século XX, a expansão do ensino é evidente ao tornar a educação básica obrigatória em vários países. Na Argentina, a atuação psicopedagógica configura-se na estruturação e/ou na fundamentação da educação e da saúde. Na educação, o trabalho psicopedagógico está relacionado em cooperar na diminuição do fracasso escolar e, a saúde referencia-se em reconhecer e atuar sobre as alterações da aprendizagem sistemática e/ou assistemática.

Para tanto, "a psicopedagogia é o campo da reflexão e do fazer pedagógicos, tendo como foco os fatores psicológicos. Tem como objeto de estudo o processo de aprendizagem e utiliza na prática recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios" (ASSIS, 2007, p.19).

Com a abordagem da epistemologia convergente de Visca (1991) perante a psicanálise de Sigmund Freud, a psicologia social de Pichon Rivière e a epistemologia genética de Jean Piaget, o estudo sobre as dificuldades de aprendizagem deixa de ser apenas clínico e configura-se também institucional. A psicopedagogia a partir desta concepção começa a expandir-se, superando limites geográficos e/ou culturais, che-

gando ao Brasil.

No Brasil, a psicopedagogia começou a ser difundida na década de 80, com profissionais engajados no estudo das causas e intervenções dos problemas de aprendizagem. Nesse período, acreditava-se que os problemas de aprendizagem decorriam de fatores orgânicos. Em 1987, Doris J. Johnson e Helmer R. Myklebrust, através de sua literatura: *Distúrbios de Aprendizagem*, foi possível compreender os fatores orgânicos através dos conceitos de Disfunção Cerebral Mínima (DCM).

A psicopedagogia paulatinamente vem sofrendo transformações significativas desde os primeiros conceitos, referenciados pela DCM. Atualmente, o estudo psicopedagógico possui um caráter interdisciplinar, possibilitando a transposição um conhecimento específico, para um conhecimento cuja sua amplitude seja realizada por meio da Sociologia, Psicologia, Antropologia, Linguística, Filosofia, Psicolinguística, Psicanálise, Neurologia, Fonoaudiologia, Medicina, Pedagogia e dentre outras.

A psicopedagogia nasceu para atender à demanda da não-aprendizagem, das dificuldades de aprendizagem e do fracasso escolar, fundamentando-se no conhecimento de várias ciências e áreas do conhecimento. Organizou-se como prática exercida por profissionais de diferentes áreas até o surgimento de cursos específicos. A junção de demanda, fundamentação teórica e prática originou essa nova área de conhecimento e essa nova profissão, inaugurando a área de atuação específica (GRASSI, 2009, p. 96).

Assim, baseando-se pelas relações

interdisciplinares, está o ambiente escolar no que diz respeito à inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais, através da educação especial. Para Vygotsky *apud* Beyer (2006), o ensino destinado à criança com necessidades educacionais especiais tende a propiciar o seu desenvolvimento cognitivo através do conhecimento histórico-cultural existente na sociedade em que ela nasceu, isto é, seja marcada pela promoção variada e rica de suas vivências sociais.

[...] A intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente. A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre os outros como forma de promover desenvolvimento articula-se como um postulado básico de Vygotsky: a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só pode ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas. O processo de ensino-aprendizagem que ocorre na escola propicia o acesso dos membros imaturos da cultura letrada ao conhecimento construído e acumulado pela ciência e a procedimentos metacognitivos, centrais ao próprio modo de articulação dos conceitos científicos (OLIVEIRA, 1992, p. 33).

A figura do psicopedagogo é de extrema relevância na educação especial, por auxiliar a criança com necessidades educacionais especiais em sua adaptação no ambiente escolar, beneficiando-a com que a escola possa lhe oferecer. A escola, de acordo com essa premissa precisa rever sua postura, como também a de seus profissionais ofertando à

criança com necessidades educacionais especiais o direito à educação e, o respeito por sua diversidade estudantil (MITTLER, 2003).

O modelo educacional carece necessariamente do olhar do psicopedagogo sobre a prática pedagógica no ambiente educacional inclusivo, haja vista que a psicopedagogia não se ocupa em estudar somente às dificuldades que o aluno apresenta no processo de ensino-aprendizagem, mas sim sua relação com o social, em meio à construção do conhecimento coletivo, bem como às influências que podem ser constituídas mediante essa relação.

[...] apesar de a psicopedagogia ter surgido como uma disciplina complementar da psicologia e da medicina, devido a necessidade do atendimento ao aluno com dificuldade de aprendizagem, atualmente esse ramo preocupa-se não só com o aluno e sua família, mas com tudo que o cerca, influencia e constrói: a escola como instituição, a comunidade onde estão inseridos, os professores, a equipe técnica administrativa. [...] dessa forma, é preciso lançar seu olhar para a comunidade, a sociedade e a cultura. O foco deixa de ser apenas clínico e torna-se também institucional (ASSIS, 2007, p. 19/20).

Refletir sobre a importância do trabalho do psicopedagogo no ambiente escolar inclusivo é imprescindível, devido à necessidade do mesmo conduzir à criança com necessidades educacionais especiais a uma formação sóciointeracionista entre o aprender e o compreender, isto é, possibilitá-la a um entendimento em vista daquilo que está sendo mais relevante naquele momento para ela, seja tal representado por meio

de valores, sonhos ou fantasias, levando em consideração a comunidade que faz parte do convívio social deste ser.

A educação do século XXI prima-se para a abertura de novos olhares e pensamentos sobre as pessoas, onde a ética e a solidariedade prevaleçam com ênfase. A pedagogia contemporânea assume uma característica interdisciplinar, propondo o redimensionamento nas ações e nos valores, pautados em uma visão dialética do social e do mundo (SANTOS, 2007). Logo, o trabalho psicopedagógico na educação especial é indispensável ao fundamentar-se em pressupostos epistemológicos cujo seus enfoques garantem a contextualização dos organismos/sistemas que compõem a vida social da criança com necessidades educacionais especiais.

3 Noções e implicações no processo de inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais: uma abordagem psicopedagógica

As discussões sobre o termo psicopedagogia, atualmente perpassam/produzem na sociedade científica sucessivos estudos em decorrência do que vem a ser o presente. A psicopedagogia se ocupa com a aprendizagem humana, o que acaba por representar e extrapolar os limites da Psicologia e da Pedagogia. Como também, estuda algumas características desta aprendizagem, tais sejam: como se aprende, como se processa esse aprendizado, que fatores produzem a aprendizagem ou por que não estar aprendendo.

Ao observar essa situação, o psicopedagogo lançar-se a três questionamentos fundamentais sobre essa dificuldade apresentada pelo aluno: como reconhecê-la, como tratá-la ou como

preveni-la. Nesse sentido, considera-se que o contingente educacional é multicultural, assim a aprendizagem é um resultado da estimulação ambiental sobre o indivíduo e suas relações (JOSÉ; COELHO, 2008).

Essa relação dialética deverá acontecer a partir do momento em que é garantido o acesso à educação de crianças com necessidades educacionais especiais. Para tanto, fundamentando-se pela ideia de Facion e Castro (2009), a educação contemporânea prima pela diversidade humana, propondo o redirecionamento dos valores profissionais, contemplados através de uma prática pedagógica diferenciada ao privilegiar as subjetividades da criança com necessidades educacionais especiais.

O professor, precisa estar preparado para os novos desafios educacionais, em vista de desenvolver posturas reflexivas e críticas, mediante a busca e o aprendizado constante de conhecimentos. E, para que isso ocorra o profissional precisa conhecer, como também buscar entender o porquê de seguir esta ou aquela tendência educacional, avaliando até que ponto ela se faz relevante quanto sua perspectiva educacional. Assim, é notório considerar que a práxis pedagógica do educador da educação especial, bem como do psicopedagogo poderá vir estar fundamentada sob o paradigma crítico-materialista.

Segundo Reichmann *apud* Beyer (2006), o paradigma crítico-materialista deverá ser interpretado, mediante a realidade dos indivíduos, que são inseridos em um contexto social concreto, por revelar situações relacionais convergentes e/ou divergentes, através da tomada de consciência por sua existência ao confrontar-se com o real por ser uma

pessoa com deficiência.

No entanto, para recorrer e atribuir esse paradigma à ação psicopedagógica na educação especial, o psicopedagogo carece estar fundamentado, ao tecer reflexões em decorrência de bases epistemológicas e/ou conceituais, permitindo-lhe a inovação e a reelaboração de novas práticas de ensino, em decorrência de propor a inclusão de alunos com necessidades especiais no ambiente educacional e social.

Tomando como referência as ideias de Lakomy (2008), o conhecimento de concepções teóricas no ambiente educacional, torna possível ao professor e/ou ao psicopedagogo o uso de estratégias, no sentido de estimular o desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem de uma criança, seja esta até mesmo com necessidades educacionais especiais.

As experiências vividas pelo educando em desenvolvimento são referidas e imprimem significação determinante em seu processo de construção pessoal. A aprendizagem coloca em foco as diferentes dimensões do educando sob a ótica integradora do aspecto cognitivo, afetivo, orgânico e social. O 'olhar' sobre esses aspectos, ao mesmo tempo em que relativiza a importância da escola na aprendizagem, coloca em foco a importância de toda reunião de fatores 'extra-classes' que interferem no processo de construção do conhecimento e do papel do aprendente (RELVAS, 2008, p. 112/113).

Ao atribuir à práxis psicopedagógica essa visão holística do processo de ensino-aprendizagem, a atuação do psicopedagogo na educação especial irá contribuir satisfatoriamente, por provocar

mudanças de comportamentos e atitudes ao ampliar as potencialidades da criança com necessidades educacionais especiais, visando atribuir às situações novos conhecimentos, novas habilidades e/ou novas aprendizagens, com experiências enriquecedoras advindas de seu meio social.

4 O psicopedagogo no ambiente educacional inclusivo

O desenvolvimento do trabalho psicopedagógico originou-se nos atendimentos a crianças que apresentam problemas relacionados a dificuldades de aprendizagem. A atuação de profissionais que estudam questões que envolvam o objeto de estudo da Psicopedagogia foi ampliado em diferentes âmbitos, não permanecendo restrito ao ambiente da escola de ensino regular ou até mesmo em clínicas onde a ação psicopedagógica desenvolvia-se através de um trabalho inter ou multidisciplinar e, sim sofrendo uma abertura significativa (OLIVEIRA, 2008).

A atuação psicopedagógica poderá ser concebida no ambiente escolar inclusivo, com alternativas metodológicas e procedimentos didáticos que viabilizará a inclusão e, sobretudo a educação de crianças com necessidades educacionais especiais, através de atendimentos multidisciplinares, incluindo o trabalho psicopedagógico.

Esses atendimentos são de extrema importância ao serem realizados no ambiente educacional, pois segundo Weiss (2008), através da atuação de vários profissionais³ engajados e estudando com afinco as dificuldades de

³Esses profissionais referenciam-se à: área da educação, saúde e assistência social.

aprendizagem apresentada pela criança com necessidades educacionais especiais, permitirá maior propriedade em examinar os fatores orgânicos e psicológicos que desencadeiam tais, com a contribuição de uma discussão satisfatória entre a equipe, sobre a realidade estudada.

Ao realizar o trabalho multidisciplinarmente, as intervenções psicopedagógicas que são realizadas com crianças com necessidades educacionais especiais, não constituem em uma série de testes que acontecem apenas uma vez, mas são baseadas nos estudos das respostas que a mesma apresentou durante um período determinado, incitando posteriormente em análises com propósitos de oportunidades significativas para intervenções futuras, com perspectivas de mudanças no seu contexto familiar e escolar.

O psicopedagogo como também a equipe multidisciplinar, precisam conhecer holisticamente a criança que é assistida diante do momento ensino e aprendizagem mediante suas subjetividades, criando espaços e condições favoráveis para expor suas potencialidades, capacidades, habilidades, destrezas e até mesmo suas limitações, como também propiciar seu desenvolvimento através de suas estruturas cognitivas, afetivas, sociais, pedagógicas e corporais.

No processo de objetividade e subjetividade, elos entre o lidar consigo mesmo e com os outros se constituem como problemática a ser vivenciada. O sujeito humano deve interagir com os objetivos e com as regras do meio, mas deve também interagir com suas limitações, possibilidades e impossibilidades e carências enquanto

ser vivente. Se educar é buscar o bem-estar do humano em todo este contexto, o espaço/tempo educativo deve priorizar construções de processos harmônicos com as condições da vida humana, e interação com a natureza do próprio homem e do planeta. A escola do sujeito em processo de interação permanente deve-se voltar à compreensão de que todo conhecimento é, na verdade, 'saber do outro' (BEAUCLAIR, 2007, p. 22).

A psicopedagogia contribui para a compreensão destas transformações necessárias, implicando em produzir discussões, análises e observações que desencadearão em intervenções essenciais. A atuação do psicopedagogo no ambiente escolar inclusivo acontece sob uma prévia observação do indivíduo que estar sendo assistido, por meio da compreensão da situação apresentada, para posteriormente apoiar-se em conhecimentos/pressupostos epistemológicos.

Com essa fundamentação pertinente decorrente de conhecimentos/pressupostos epistemológicos haverá a elaboração do informe psicopedagógico com situações concretas, planejando ações organizadas futuras no intuito de escolher alternativas flexíveis para intervir nas dificuldades de aprendizagem, com o uso de critérios adotados, bem como objetivos a serem alcançados, respeitando as características biológicas da criança com necessidades educacionais especiais, para serem desenvolvidas na escola de ensino regular.

Ao observar várias produções requisitadas a criança com necessidades educacionais especiais e, dispondo de dados concretos, chega a hora de con-

versar entre/com os profissionais que atendem em comum esta criança e, com seus pais. A abordagem do psicopedagogo deverá ser estabelecida mediante a dados fidedignos quanto ao diagnóstico suscitado, primando pelo Código de Ética estabelecido pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), em vista de contextualizar as hipóteses que foram levantadas diante da ação psicopedagógica, perante aos profissionais e a família.

O diagnóstico psicopedagógico é um processo, um contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia, [...] em uma atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que essa atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo da observação ou acompanhamento da evolução do sujeito (BOSSA, 2007, p. 94).

O psicopedagogo deverá considerar vários organismos que fazem parte da história de vida da criança com necessidades educacionais especiais, representados por sua família, pela escola e, inclusive pelo social como todo, pelo fato em adquirir informações amplas e suficientes para formular possíveis hipóteses. Assim sendo, esse profissional precisa colaborar com dados verídicos, em relação a todo trabalho psicopedagógico que será executado com a criança em vista à sua subjetividade perante seu processo de ensino-aprendizagem na escola e na sociedade.

Consideramos que um dos maiores desafios que se apresentam ao psicopedagogo é proporcionar à família, à escola e ao aluno informações amplas de tudo o que coletou, sem

enganos nem dissimulações, mas ao mesmo tempo, ser capaz de conseguir que a pessoa que receba essas informações não se sinta culpada ou atacada, mas perceba saídas possíveis e veja mais vantagens na mudança do que em permanecer na mesma situação (VILANA, 2008, p. 80).

O psicopedagogo em consonância com os profissionais, escola e pais terá oportunidade de modificar a percepção destes em relação à criança com necessidades educacionais especiais, possibilitando-os reverem suas atitudes e a maneira de se relacionarem com vários organismos que fazem parte da sociedade. A inclusão é compreendida como um processo, em face de certos valores e princípios. A parceria estabelecida entre psicopedagogo, profissionais e pais implica em um respeito mútuo, baseando-se na troca de experiências salutareis diante desta criança, através do compartilhamento de informações e, até mesmo de sentimentos.

Tal relação é benéfica e, possui um valor inestimável, por propiciar aos pais o encorajamento necessário em acreditar nas potencialidades da criança com necessidades educacionais especiais em se tratando de um sucesso bastante almejado, ou então, ao conquistar um desenvolvimento superior ao esperado, em decorrência do comprometimento, como também da qualidade de ensino e, sobretudo através da motivação ilimitada de profissionais e pais.

Como se pode observar, o contexto onde as crianças com necessidades educacionais especiais estão inseridas, é o mesmo contexto de todos, com suas convergências, contradições, dificuldades e alegrias, tornando-se irrelevante

segregá-las, ou então protegê-las ao modo de reforçar (in)consequentemente suas limitações (BEYER, 2006). Assim, a práxis psicopedagógica correlacionada à educação especial é aquela que possibilita a convivência de crianças com/sem necessidades educacionais especiais de maneira pacífica, respeitando as diversidades e diferenças culturais e biológicas, através do rompimento de paradigmas excludentes ao admitir o multiculturalismo perante o social.

5 Conclusão

A partir das observações tecidas, suscitadas e analisadas no decorrer deste estudo, a atuação do psicopedagogo no ambiente educacional inclusivo estar sendo contemplada paulatinamente, com a difusão de propostas inclusivas no cenário educacional brasileiro.

A realização do trabalho psicopedagógico na educação especial tende a propiciar um redimensionamento na práxis educativa de todos àqueles e, sobretudo do psicopedagogo que assiste a criança com necessidades educacionais especiais, no tocante a construção de novas competências relacionadas à abertura de um projeto de educação inclusiva.

A educação deste século pressupõe abordagens holísticas. Isto é, o psicopedagogo junto à educação especial, precisa conhecer culturalmente a criança com necessidades educacionais especiais que está sendo atendida, em vista de possibilitar um trabalho com mais profundidade/propriedade em cima de seus avanços, retrocessos, dificuldades e progressos.

O processo de ensino-aprendizagem destas crianças aliado a uma concepção

psicopedagógica configura-se em mobilizar e aplicar conhecimentos acadêmicos úteis para o desenvolvimento de suas estruturas cognitivas, sociais, afetivas e motrizes atribuindo funções corroborativas ao serem incluídas em situações relacionais, como também nos tratamentos de informações e na participação da vida em sociedade.

A educação sob esta perspectiva deve seguir ao encontro da vida afetiva, maturacional e social da criança com necessidades educacionais especiais, sem segregação de gênero, de cultura e de estrutura biológica.

Em suma, a presença do psicopedagogo na educação especial é de extrema importância, pois poderá contribuir mediante a um contexto multidisciplinar em um ambiente educacional inclusivo através do atendimento à criança com necessidades educacionais especiais em parceria e/ou com o auxílio de outros profissionais, sejam estes da área educacional, saúde e assistência social incluindo sua família e, englobando satisfatoriamente a escola de ensino regular e os professores, em vista de apoiá-la efetivamente no processo de ensino-aprendizagem e na inclusão desta na sociedade.

Assim, compreende-se que apesar das relevantes considerações expostas neste estudo, o mesmo merece maiores reflexões e aprofundamento, além das enaltecidas aqui, em decorrência de haver pequena quantidade de produções científicas relacionadas ao trabalho do psicopedagogo na educação de crianças com necessidades educacionais especiais, visto que as discussões sobre o tema em questão são inesgotáveis.

6 Referências

- ARANHA, M. L. A. **História da educação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.
- ASSIS, A. L. A. **Influências da psicanálise na educação**: uma prática psicopedagógica. 2. ed. rev. Curitiba: Ibpx, 2007.
- BEUCLAIR, J. Subjetividade em educação. **Psique**, São Paulo, edição especial, n. 2, p. 18-23, out. 2007.
- BEYER, H. O. **Inclusão e avaliação na escola**: de alunos com necessidades educacionais especiais. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FACION, J. R. (Org.). Inclusão escolar e suas implicações. *In*: CASTRO, R. C. M.; _____. **A formação de professores**. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpx, 2009. p. 165-184.
- JOSÉ, E. A.; COELHO, M. T. **Problemas de aprendizagem**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- GRASSI, T. M. **Psicopedagogia**: um olhar, uma escuta. Curitiba: Ibpx, 2009.
- HEEMANN, A. **Texto científico**: um roteiro para estrutura, citações e referências de projetos e trabalhos monográficos. 4. ed. Curitiba: Guerreiro, 2007.
- LAKOMY, A. M. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpx, 2008.
- LA TAILLE, Y. (Org.). Teorias psicogenéticas em discussão. *In*: OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky e o processo de formação de conceitos**. São Paulo: Summus, 1992. p. 23-34.
- MALUF, M. I. Família, escola e o nascimento da psicopedagogia. **Psique**, São Paulo, edição especial, n. 2, p. 06-13, out. 2007.
- MITTLER, P. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- OLIVEIRA, M. A. C. **Psicopedagogia institucional**: a instituição em foco. Curitiba: Ibpx, 2008.
- RELVAS, M. P. **Fundamentos biológicos da educação**: despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- SÁNCHEZ-CANO, M.; BONALS, J. (Orgs.). Avaliação psicopedagógica. *In*: VILANA, R. **A entrevista com os pais, os professores e os alunos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 65-80.
- SANTOS, V. P. **Interdisciplinaridade na sala de aula**. São Paulo: Loyola, 2007.
- VISCA, J. **Psicopedagogia**: novas contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 13. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

Artigo recebido em 21 de abril de 2011.

Aceito em 28 de setembro de 2012.